

AS SEREIAS NA CASA DE DEUS

Sereias ornam as colunas do Altar-Mor e do Altar do Santíssimo na Igreja de São Francisco — Desde 1779 moram na casa de Deus — Surpresa que se desfaz: a interpretação não é de ordem erótica, mas a da simbologia da morte.

LUIZ DA CÂMARA CASCUDO

Pernambuco — Março 1952

NA Igreja de São Francisco em João Pessoa seis ou oito Sereias são motivos decorativos. Duas nas bases das colunas da capela do Santíssimo Sacramento e duas no altar-mor. Ai estão elas com a cabeleira em concha, o cinto venusino abaixo dos seios, uma volta de flores na altura do ventre e o longo corpo ictiforme volteando como ornamento e moldura.

Que estão fazendo essas Sereias, símbolo da sedução irresistível, sugestão carnal en-doidecendo jangadeiros e pescadores, incluídas aos pés do altar católico, criadas, desde meados do século XVIII, para viver numa casa de Nosso Senhor?

Sei muito bem que elas estão noutras Igrejas. Vivem muito tranqüilamente em capelas e matrizes lindas de Portugal, Travanca, Cabeça Santa, Rio Mau, Águas Santas.

Um mestre, o Sr. Armando de Matos, estudou essa ornamentação em Travanca: — "Do tipo misto ou híbrido, encontramos neste valioso templo uma das mais abundantes representações em Portugal, embora os exemplares não sejam numerosos. Refiro-me às Sereias, apresentadas em três variantes: como é corrente encontrá-las segurando a cauda com a mão esquerda e tendo ou não na direita um peixe; e ainda com a curiosidade de terem duas caudas e estarem cruzadas", (DOURO LITORAL, IV, 73, Pôrto, 1949).

As Sereias paraibanas são diferentes. Mão direita à cinta, elegantemente, e a sinistra fingindo suster o rebordo trabalhado em relêvo da cornija. Nem peixes e nem duas caudas. Vi as Sereias de Travanca, esculpidas na pedra, segurando a cauda e também um peixe.

Não conheço exemplos brasileiros além do paraibano.

Nesse assunto ornamental os homens da Idade Média povoaram de assombro as catedrais. Não apenas as figuras incontáveis do Velho e Novo Testamento, incluindo o Apocalipse alucinador como a fauna monstruosa que deve resistir no Inferno, vinda dos livros de viagens, as histórias de povos estranhos e aterradores. Mas as Sereias têm

(CONCLUI NA PÁGINA 54)



SEREIAS ORNAMENTAIS na Capela do Espírito Santo, na igreja de São Francisco, construída em 1779, em João Pessoa, Paraíba.



CONVENTO DE SÃO FRANCISCO. As colunas do altar-mor e da Capela do Santíssimo Sacramento são ornadas de sereias, cujo simbolismo não é de ordem erótica, mas funerária.



SEREIAS NO TEMPLO

Ei-las com a cabeleira em conche, o cinto venusiano abaixo dos seios, uma volta de flores na altura do ventre e o longo ictiforme volteando como ornamento e moldura. Estão na bela igreja de S. Francisco, em João Pessoa.

-Por que seus dentes ficaram
MAIS BRANCOS do que os meus ?



Ah!
É que uso a
Nova Pasta
LEVER S.R.
com seu ativo
Elemento
S.R.



Protege as gengivas também
— com a mais gostosa espuma do mundo!

AS SEREIAS NA CASA DE DEUS

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 80)

um passado muito suspeito e dificilmente existirá para elas uma credencial desculpadora.

A sabedoria da Igreja amansou essas feras e levou-as, como Noé, para a barca da piedade cristã. Lentamente, tranquilamente, os costumes foram sendo substituídos. Os templos olímpicos receberam a presença dos Santos. As festas populares, porque eram populares e velhas, mereceram os cuidados dos Papas, despindo-as cuidadosamente do elemento pagão e dando-lhes as cores serenas da catolicidade.

Numa carta famosa do Papa Gregório Magno (IX, 71) o Santo Pontífice estudou a questão do paganismo na Grã-Bretanha e deu solução psicologicamente maravilhosa. Mandou conservar os templos e retirar os ídolos. Os templos passavam a ser Igrejas. Substituiu pelas festas aos mártires as datas em que o povo corria a esses lugares para repastos coletivos. Podiam comer, moderadamente, dirigindo-se a outros sêres, limpos do pecado feio da luxúria pagã. Não é possível apagar tradições seculares por uma imposição. Não é possível subir-se a um lugar elevado aos saltos. Teremos de ir lentamente, passo a passo. Assim ensinava São Gregório Magno.

E assim muito documento cheirando ao passado pagão ficou asilado nas naveas cristãs, escondido, e veio atravessando tempo e cuidados até os nossos dias. Ninguém intimou a Sereia a desenroscar a cauda e remergulhar no Rio Paraíba, caminho de Cabedelo, ganhando o Atlântico. As Sereias ficaram.

Ficaram na sua forma pós-clássica de semipeixe porque as verdadeiras eram síme-aves. Com asas é que elas cantaram para tentar Ulisses que tapou com cera os ouvidos inusíveis ao canto mágico.

As Sereias da Igreja de São Francisco na capital paraibana dizem, com sua amável presença, missão mais antiga e possivelmente a mais litúrgica entre as representações fúnebres dos gregos.

Estavam elas ligadas ao culto dos mortos e lembravam as falas silenciosas e ciciadas das sombras. Os túmulos gregos eram ornados com estelas de Sereias. A Sereia sepulcral era tão comum e típica como o cipreste votivo. Estavam citadas nos epítáfios, nos epigramas funerários, nas súplicas desesperadas. Eurípedes em HELENA, 412 antes de Cristo, faz sua heroína prisioneira no Egito (a Helena de Eurípedes jamais esteve em Tróia) exclamar, patética: — "Virgens aladas! Filhas da Terra, oh! Sereias! Socorrei-me acompanhando meus gemidos com a flauta libiana ou a siriinx, a fim de que vossas lágrimas respondam aos meus males, vossos sofrimentos se unam às minhas dores, vossas lamentações às minhas lamentações! E que os vossos cantos fúnebres reunidos desçam até Proserpina na sua morada tenebrosa, como uma oferenda àqueles que não vivem mais!"

A Sereia, mãe d'água, batismo ameríndio de Iara, não teria jamais essa função e não sabemos senhora desses atributos lúgubres e pacificantes. As estátuas das Sereias nas sepulturas de Sofocles e de Isocrates diziam essa benevolente e generosa missão de intercessoras junto aos deuses do inferno helênico.

Um epigrama fúnebre de Mnasalco de Sicione, três séculos antes de Cristo, dedicado ao túmulo de uma virgem, é delicadamente expressivo: — "Ah! Ah! Graciosa Cléo, pensamos em tua consternada juventude cujo ramo brilhante se rompeu. Dilacerando nossas faces, choramos sobre teu túmulo onde se erguem, sobre a pedra, nossas estátuas de Sereias!"

Essa Sereia funérea, guarda dos mortos, chorando sobre as sepulturas, é a explicação vocacional e clássica das Sereias da Igreja de São Francisco em João Pessoa, datada de 1779.

Érina, que opunham em graça e beleza poética à onipotência de Sato, escreveu um pequeno epigrama sobre o monumento funerário de uma sua amiga o compatriota.

"Estelas e vós, minhas Sereias, e tu, urna funerária que contens as leves cinzas do Hades, dissei um cordial adeus àqueles que passam perto do meu sepulcro, sejam meus compatriotas ou pertencem às outras cidades; dissei também que este túmulo guarda uma jovem esposa, e que meu pai me chamava Baucis. Que eles saibam que eu era de Tenos e que Érina, minha patricia, gravou esta inscrição sobre meu túmulo!"

Saberia o escultor a lição simbólica das Sereias quando as deixou na Igreja monumental? Não vieram elas na força passiva e natural do uso, elemento poderoso para conservar, numa eternidade de inércia, a face externa do Passado? E a censura religiosa que permitiu a Sereia no altar e nas colunas da capela do Santíssimo não teria o segredo verdadeiro dessa significação, tão distante da Sereia mediterrânea, sedutora, maviosa, bonita por fora e feia por dentro?

Dificilmente encontro na ornamentação de uma Igreja brasileira símbolo tão antigo e emocional. As guardiãs de Sofocles e de Isocrates, evocadas nos doces poemas fúnebres de Mnasalco de Scione e Érina de Tenos, continuam ornamentais e graves, num templo católico, recordando a Morte e não sugerindo a alegria dos sentidos despertados com sua oferta amorosa.

377, Junqueira Aires — Natal — Agosto de 1951.

NOTA: OS epigramas, ANTHOLOGIE GRECQUE, II.º, trad. Maurice Rat; Eurípedes, HELENE, trad. Louis Humbert, ed. Garnier, Paris, s. d. Raifaele Corso, EMBLEMI MITICI, SIMBOLICI E REALISTICI NELL'ARTE POPOLARE ITALIANA, sep FOLKLORE, n.º 3-4, Nápoles, 1947: "La Sirena... per gli antichi rappresentò le anime demoniache di oltretomba"... "In un raro dipinto ceramografico italiota studiato dal Patroni, Eros e Sirena, R. Is. Lombardo di Scienza e Lettere, vol. 4, 1917, p. 138 seg, l'anima del beato é rappresentata da una Sirena con le ali aperte in mezzo a un prato fiorito".